



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Século, 45—Lisboa

No Jardim da Europa



O PAE:

—Então que dizes á minha filha mais nova?

ZÉ JARDINEIRO:

—Que se parece com a mais velha.



PALESTRA AMENA

Duas visitas agradaveis

Creio que já lhes disse que J. Neutral é, além do brilhante cronista que estão habituados a admirar semanalmente, inquilino d'um rez-do-chão em certa rua do bairro alto, lugar que exerce a contento do senhorio e de todos os vizinhos, pelo seu bom comportamento de cidadão comedido e oportunista, de quem nunca viria mal ao mundo, julgando-se por isso livre de toda a suspeita de querer atacar ou defender esta ou aquela modalidade politica.

Se não disse, digo-o agora para que conste e saibam que com muito gosto J. Neutral contribue com obulo modestissimo, compativel com as suas posses, para minorar a sorte dos infelizes sem perguntar se quem pede o obulo é republicano ou monarchico e dentro d'estes regimens qual o partido a que pertence.

Pelos mesmos sentimentos de benevolencia e quiçá de indiferença, em todo o caso simpatica, J. Neutral não tem armas nem munições de guerra em casa; um simples canivete serve-lhe de defesa contra a sujidade da casca das frutas e quanto a explosivos usa somente os fosforos amorfos, raramente perigosos e quando o são quasi sempre para quem os acende.

Pois bem: dois assaltos sofreu J. Neutral em seu domicilio na semana que passou, um d'elles não de estranhar, mas outro á primeira vista insolito. Consistiu o primeiro na visita inesperada de duas senhoras portadoras de cravos de papel e o segundo na incursão d'um grupo de policias civis, igualmente inesperada.

Posto isto, o leitor fará, decerto, reparo, por eu ter dado á palestra como titulo «Duas visitas agra laves»; a primeira, vá que o seja—dirá; mas a segunda?

Ora então saiba que, efétivamente, é sempre agradavel a visita d'uma senhora quanto mais de duas, quanto mais portadoras de cravos, quanto mais lhanas e afétuosas como as que me visitaram. Entraram no gabinete sem que a criada tivesse tempo de anunciar, e n'um á-vontade, como se houvessemos chupado, em crianças, no mesmo seio, apontando para a janela disseram-me de chofre:—Então esta janela não tem ainda cravo? Como fizesse sinal negativo, immediatamente me perguntaram quantos queria, ao que eu respondi que apenas um. Ao mesmo tempo tirei da carteira uma cedula de tostão, porque julguei, e bem, que o papel não seria de graça.

—São dois tostões, advertiu uma d'elas.

Paguei, encantado, e as senhoras saíram sem me dizerem quem eram nem para que fim destinavam as duas cedulas.

Agradabilissima, como veem—mas a segunda visita tambem o foi.

D'essa vez a criada teve tempo para

anunciar e os policias não entraram sem que eu insistisse. Conservaram-se á porta, timidamente e por fim só adeantaram uns tres passos no gabinete, de boné na mão, evidentemente envergonhadissimos por se verem obrigados a meter o nariz na casa alheia. E lá retiraram sem me dizerem tambem o que ali os levava, mas n'uma cortezia e multiplicação de desculpas que muito contrastaram com a desenvoltura superior das damas.

Horas depois saf e indaguei, vindo a saber que o produto da venda dos cravos se destinava a mitigar os sofrimentos dos feridos da guerra, fim na verdade sagrado e que desculparia todas as incorreções, ainda quando as tivesse havido—que não houve—e que a visita policial tinha por fim saber se eu fabricava dinamite ou ocultava metralhadoras em casa.

Conservo d'estas visitas recordações suavissimas e tranquilisadoras,

J. Neutral.

Versos de encomenda

Se os senhores não fazem versos não sabem a ventura que possuem: aquele que tem a desgraça de saber combinar as palavras sob determinada cadencia e terminações silabicas iguaes, sofre por vezes tormentos que esqueceram á inquisição.

Veem estas considerações a proposito da ultima festa da flôr, denominada do cravo, porque encravou muita gente principalmente os poetas. Escritores que tem o seu nome feito como rimadores de versos expeliram para os cravos algumas quadras que só por uma inconcebivel coragem ousaram assinar. A bem dizer, não houve uma de geito e se fossem a paga-las pelo seu verdadeiro valôr a venda do cravo não daria para fazer cantar um cego.

Não transcrevemos nenhuma para não envergonhar os autores—e n'isso somos muito mais piedosos do que os jornaes sérios, que cometeram a cruel-



dade da transcrição. Fique, porém, sabendo a posteridade que não é por eles que deve fazer juizo da literatura poetica em Portugal no seculo XX; trata-se de crias monstruosas, abortivas, extraidas a ferro antes de tempo e não de produtos normaes. E o que dizemos das quadras poderiamos dizer das sextilhas...

Cala-te, bôca!

O Penedo da Saudade

Cidadãos que passastes o melhor da vossa mocidade em Coimbra—e quem não é bacharel formado?—preparaes o lenço para as lagrimas e lêde o que d'ali escreve o correspondente d'um jornal de Lisboa:

«Estivemos hontem no hospital de clinica obstetricia no Penedo da Saudade e da nossa visita tivemos a mais agradável impressão. A casa, que durante tantos anos esteve abandonada, por não servir para paço episcopal, para que foi destinada, veiu a ter finalmente uma applicação magnifica».

Sim, cidadãos. O lugar onde saudo-



samente cantastes vossos amôres, onde versejaram Castilho, Gonçalves Crespo, João Penha, Junheiro—quicá Camões—é onde agora os petizes dão os primeiros guinchos por, ventura em maus lencoes! «Applicação magnifica» diz o correspondente, visto que no Penedo da Saudade se não pode instalar o paço episcopal, como se a poesia se casasse como as caretas dolorosas da maternidade ou com as pançadas teologicas do sr. bispo-conde!

Não nos admiraremos se dentro em pouco a agua da fonte, que fresca

...regá as flôres,
Que lagrimas são a agua e o nome amôres,

seja aproveitada, em estabelecimento de banhos, para modestos e prosaicos semicupios!

O' civilisação! ó progresso! ó burros!

Catalogo comico

Costumam os nossos pintores e esculptores, como se sabe, expor anualmente no palacio das Belas-Artes, da rua Barata Salgueiro, algumas das suas obras, para que Francisco Valença e Carlos Simões nos façam rir com os seus «Catalogos Comicos» e com eles nos agucem o apetite de as irmos ver. Bem hajam os artistas que assim dão assunto ao ilustre caricaturista e ao alegre escritor; infelizmente é apenas de ano a ano, mas, enfim, rir uma pessoa uma vez em doze mezes já não é mau de todo.

**"A revolta"**

A proposito de «A revolta», revista em 2 atos representada pela 1.^a vez no teatro Apolo na noite de 15 do corrente, escreve-nos o nosso presado colaborador Jerolmo, de Pêras Ruivas, dizendo que resolveu não publicar a carta em que relata á esposa as suas impressões acerca da peça, porque tendo de citar os ditos que mais se salientam na mesma, tal carta não pode deixar de ser confidencial.

A confiança entre marido e mulher autorisa certas liberdades que não se podem ter com estranhos.

Estrelas

Toda a gente imaginava que já não havia mais estrelas a descobrir, pelo menos com os meios de que dispomos, de vista armada ou desarmada.

Engano: o sr. Fernando Menezes de Jesus descobriu agora uma, de primeira grandeza e ao mesmo tempo o sr. Luzten, de Utrech, fez a mesma descoberta, não falando do sr. João Mendes Valente, da Mealhada, que também a lobrigou na constelação da Aguia.

Logo, perante o estranho facto, os jornais destacaram os seus melhores reporteres para as respectivas entrevistas, mas a explicação do aparecimento dum objecto daquele tamanho e de mais a mais luminoso, não appareceu ainda completamente satisfatoria.

Tomamos a liberdade de aventar as seguintes hipoteses:

1.^a—A estrela tem estado apagada até agora, porque a iluminação celeste foi julgada sufficiente para a Terra. Com a falta de petroleo, porem, o Criador reconheceu a conveniencia de aumentar



e de aí a resolução de acender mais candieiros.

2.^a—Trata-se não de uma estrela fixa—assim chamada impropriamente—mas de uma estrela cadente. Vinha ella percorrendo a sua rapida trajectoria, quando um obstaculo qualquer a fez parar nos dominios da constelação da Aguia e aí está ella provavelmente para sempre.



3.^a—Não appareceu nenhuma estrela nem os tais sabios acima citados tem existencia real. O caso é nem mais nem menos do que um reclamo do celebre Candeias, com sapataria no Intendente, que mandou os artigos para os jornais a fim de intrigar os leitores, para qualquer dia declarar que não ha estrela, por mais nova que seja, que dê tanta luz como o dito Candeias nem que venda calçado mais barato.

E' a mais provavel das tres hipoteses.

Cá está o cigarro

Finalmente já appareceu á venda o cigarrinho bréjeiro, para delicia dos srs. fumadores, não sem se terem dado factos deveras lamentaveis, devidos á falta de tabaco, sabido que o habito é segunda natureza e que faltando-nos a natureza falta-nos tud'.

Citemos um que chegou ao nosso conhecimento.

* *

O Antunes, 1.^o official de certo ministerio, tem uma esposa tessissima, que o obriga a entregar-lhe todo o ordenado, sem lhe faltar um centavo. Como, porem, o Antunes seja fumador, a esposa concorda em lhe entregar de oito em oito dias uma pequena quantia para cigarros—por sinal que essa quantia tem um destino muito diverso d'aquelle que a esposa imagina e que certa hespanholita poderia revelar se quizesse. Para não estarmos com arcaes encoiradas: é com o dinheiro dos cigarros que o Antunes costuma levar a hespanholita aos domingos aos touros, pretextando á esposa que vae espairecer com uns amigos.

Assim durante este mez o Antunes foi recebendo da esposa a quantia habitual para o vicio de fumar, foi-a gastando como sempre com a pecadora e no ultimo domingo solicitou da esposa a prestação que faltava.

AUGUSTO GOMES*Emprezario do «Apolo»*

*Porque nasceu á sombra desse outeiro
Que é todo o meu affecto e o meu cuidado,
Onde eu primeiro vi pastora e gado
E onde pastora e gado amei primeiro;*

*Porque é forte, arrojado, cavalheiro,
Teimoso e belamente ás artes d'lado,
Quando, por sua condição e estado,
Podia gastar mal o seu dinheiro;*

*Em rima facil, em cadencia pura,
Preceitos de bom gosto a que não falto,
Aqui o aponto á geração futura*

*Dando-lhe este soneto em que o exalto,
Para o mandar meter numa molhura
E pendurar na adegua de Mont' Alto.*

BELMIRO.

Ora esta, que já andava com a pedra no sapato, declarou-lhe:

—Não te dou dinheiro algum.

—O' filha: mas eu não posso deixar de fumar...

—Não te dou dinheiro maas dou-te tabaco. Vou eu mesmo compra-lo, para ter a certeza de que não gastas o dinheiro n'outras coisas...

Assim, foi a todas as tabacarias do bairro e em todas lhe disseram que não vendiam tabaco havia mais d'um mez,



porque os operarios da Companhia estavam em greve, o que a mulhersinha ignorava, porque não lia joornaes, ignorancia de que o marido se aproveitava ignobilmente.

E aí está como a hespanholita deixou de ir aos touros e como o Antunes recebeu da esposa uma d'estas sovas que até fazem fumo, para se compensar de não tornar a fumar.

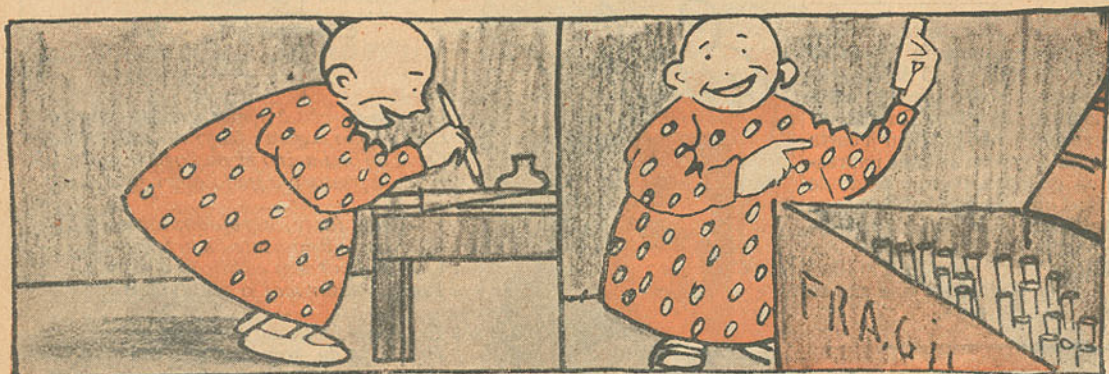
Numero bicudo

Lê-se nos varios jornais: de Lisboa e Porto um anuncio da Empresa das Aguas de Vidago dizendo que no Palace-Hotel daquela localidade se dá pensão desde 4\$375.

Não somos curiosos, mas sempre desejaríamos que o gerente ou lá quem fez a conta nos esclarecesse dividindo-a nas respectivas parcelas: que diabo de coisa haverá lá no hotel que custe cinco réis?

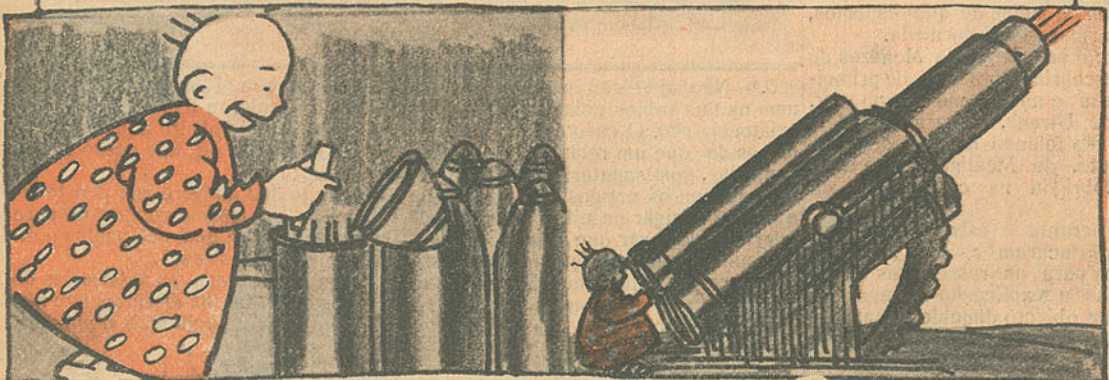
Se calhar são os palitos..

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

26.^a Parte — 1.^o Episódio — A EPIDEMIA HESPANHOLA — (Continuação)

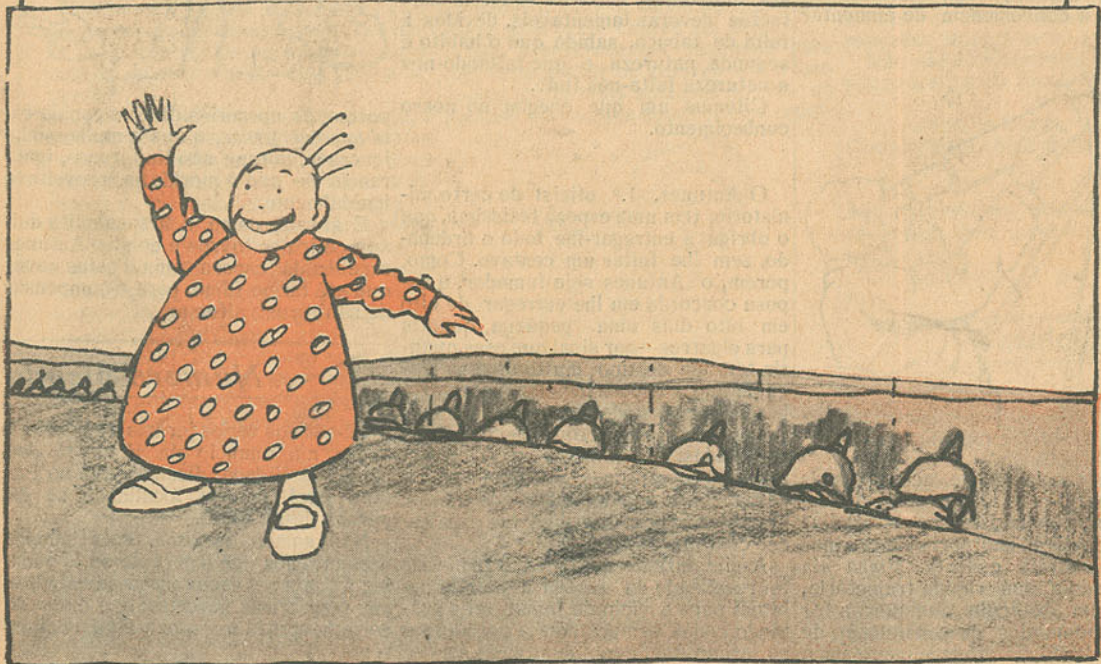
1.—O Manecas, de *nuestros* vizinhos
Mandou vir por bilhete postal
Tres milhões e quinhentos frasquinhos
Do famoso bacilo gripal.

2.—Alguns dias depois a criança
Desembrulha os frasquinhos á pressa.
Nunca e trara nas *gares* de França
Uma tão importante remessa!



3.—Em seguida, pensando na esfrega
Que váe dar na *bóchada* maldita
Com bacilo as *gran*das carrega,
A gosar, desde já, com a fita...

4.—Afinada a fatal pontaria
Para as bandas do campo alemão,
Sorridente, com grande aiegría,
O Manecas dispara o canhão.



5.—Em minutos, a tropa inimiga
Foi vencida com gaudío geral
Taes estragos lhe fez na barriga
O famoso bacilo gripal!

(Continua).